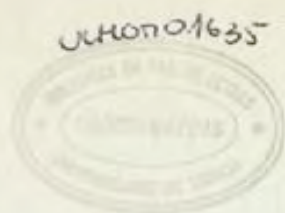




TEATRO



do Romantismo aos nossos dias: CENTO



*uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada
por*

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

1870

1871

1872

1873

1874

1875

2.^o volume

Pseudónimo de José Maria dos Reis Pereira, nascido em Vila do Conde a 17 de setembro de 1901.

Obras principais: Teatro — Três Máscaras, fantasia dramática em 1 acto (in presença, 1934; incluída no Primeiro Volume de Teatro, 1941, e em Três peças em um acto, 1957); Jacob e o Anjo, mistério em 3 actos, 1 prólogo e 1 epílogo (in Revista de Portugal, 1937; incluída no citado Primeiro Volume de Teatro; representada em Paris, no «Studio des Champs-Élysées», 1952); Benilde ou a Virgem-mãe, drama em 3 actos (Teatro Nacional de D. Maria II, 1947); El-Rei Sebastião, poema espectacular em 3 actos (1949); A Salvação do Mundo, tragicomédia em 3 actos (1954); Três peças em um acto (Três Máscaras, O meu caso e Mário ou Eu próprio — o Outro — 1957).

Outras obras: Poesia — Poemas de Deus e do Diabo (1925); Biografia (1929); As Encruzilhadas de Deus (1936); Fado (1941); Mas Deus é grande (1946); A Chaga do Lado (1954). Romance e novela — O jogo da cabra-cega (1934); Davam grandes passeios ao domingo (1941); O príncipe com orelhas de burro (1942); Histórias de mulheres (1946); A Velha Casa (I — Uma gota de sangue, 1946; II — As raízes do futuro, 1947; III — Os avisos do destino, 1953; IV — As monstruosidades vulgares, 1960). Crítica e ensaio — As correntes e as individualidades na moderna poesia portuguesa (1925); Crítica e criticados (1936); António Botto e o amor (1938); Em torno da expressão artística (1949); Pequena história da moderna poesia portuguesa (1941).

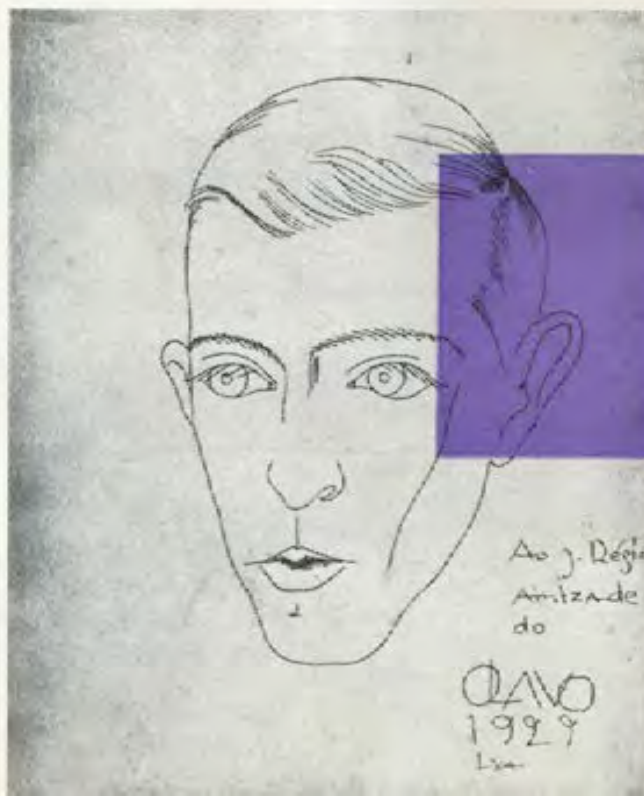
535

Considera José Régio o seu teatro na parte mais original, e, consequentemente, mais incompreendida da sua produção — o que parece confirmar-se pelo injustíssimo desinteresse a que o têm votado os directores das nossas companhias profissionais, que apenas uma vez (precisamente com a peça escolhida para representar nesta antologia o autor de As Encruzilhadas de Deus) permitiram às suas personagens dramáticas identificar-se com o destino cénico para que o seu criador as concebera. Será, pois, esse mais um dos alongos mal-entendidos entre o poeta e o mundo, a que alude um das seus versos... E na entanto, o drama é sem dúvida a expressão para que tende a obra de Régio, que é toda ela um diálogo incessante, infundável, entre o que poderá definir-se por matéria e espírito, corpo e alma, ou, com mais propriedade, entre o que no homem é eterno (ou votado à eternidade) e o que é perecível (ou condenado a perecer), entre o que o atrai para Deus (se assim quisermos chamar ao absoluto, ao infinito) e o que o prende à terra, à sua condição temporal. Daí o tom oratório, imprecativo, apastrosante, da sua mais característica poesia, que, lida, irresistivelmente evoca não só a voz do actor que a declame, como o interlocutor que lhe responda. Como agudamente observou David Mourão-Ferreira, algo nas Poemas de Deus e do Diabo se desenha uma iniludível tendência para os processos e imagens de raiz teatral; quando se dirige aos humanos que o não entendem, fá-lo de um palco, de um tablado, de um estrado, de um púlpito; e é frequente o diálogo, a alocução, a palestra veementes.

Em Benilde ou a Virgem-mãe, todavia, o diálogo, apesar de fundamentalmente traduzir a mesma problemática, assume um tom coloquial, que é o das suas novelas e dos romances do ciclo A Velha Casa, e que, no seu aparente naturalismo, reveste a acção exterior do drama sem contudo prejudicar (por isso mesmo que é apenas aparente) o acesso ao pensamento mais profundo que o anima. Todo o drama, aliás, assenta numa dualidade de planos — o plano a que poderemos chamar imediato ou quotidiano, em que a gravidez de Benilde encontra uma explicação natural, e o plano mítico ou transcendente, em que a explicação é de ordem

sobrenatural. Estes dois planos coexistem sem que um ao outro se anulem, e é precisamente esse o núcleo gerador do drama, um dos mais belos e perturbantes, na sua ambiguidade, do moderno teatro português.

A estreia de *Benilde* teve lugar em 25 de novembro de 1947, no Teatro Nacional de D. Maria II, sendo seus intérpretes Maria Barroso (na protagonista), Amélia Rey-Colação (Etelvina), Luz Veloso (Genoveva), Augusto de Figueiredo (Eduardo), Erico Braga (Melo Cantos), Samuel Diniz (Padre Cristóvão) e Robles Monteiro (Dr. Fabrício).



STUDIO DES CHAMPS-ÉLYSÉES

JACQUES CHARPIN PRESENTE

...JACOB ET L'ANGE...

de JOSE REGIO

Adaptation de J.B. JEENER

Sur un texte de A. RAIBAUD

AVEC

FRANÇOISE ADAM

ALTA BERT

JACQUES CHARPIN

LUIS DE LIMA

JACQUELINE DIVES

JEAN FULLER

GABRIEL JABOUR

JACQUES JEANNET

JEAN-MARC LAMBERT

JEAN-PIERRE LITUAC

ROBERT POSTEC

CLAIRE STEPHANI

MISE EN SCÈNE DE JACQUES CHARPIN

DÉCORS ET COSTUMES DE JEAN-DENIS MAILLART

MUSIQUE DE YVES CLAUQUE • RÉALISATION SONORE KIRILOFF

BOULEVARD 811

RELACHE LUNDI • ASCENCEURS

*

ALMA • FRANKLIN-ROOSEVELT

METRO :

Tél. : BAL 00-87

O Modernismo:

3) José Régio

Amélia Rey-Colaço, Maria Barroso e Augusto Figueiredo em *Benilde* (Teatro D. Maria II, 1947); cartaz da versão francesa de *Jacob e o Anjo* (Paris, 1952); retrato por Olavo d'Eça Leal

José Régio

BENILDE OU A VIRGEM-MÃE

Personagens:

BENILDE,
EDUARDO, seu primo.
MELO CANTOS, pai de Benilde.
ETELVINA, mãe de Eduardo.
GENOVEVA, velha criada da casa.
P.* CRISTÓVÃO.
DR. FABRÍCIO.

A acção pode supor-se passada na actualidade, em qualquer solidão do vasto Alentejo.

ACTO PRIMEIRO

A cena representa uma cozinha num velho solar alentejano. Grande lareira ao fundo, com uma fresta para o quintal. Estanhos e cobres no friso da lareira. Decoração apropriada. Mesa puxada à esquerda, com duas ou três cadeiras toscas e sólidas. À direita, uma porta para o interior da casa. Outra à esquerda, que dá para o quintal, a par duma pequena janela de portada única. É pela tarde dum dia de Inverno. Entra uma luz soturna, escassa, pela fresta e pela janela, deixando na penumbra toda a cena. Junto da lareira, com as mãos caldas no regaço e a cabeça baixa, em silhueta sobre a luz da fresta, P. Cristóvão está sentado. Ao cabo duns momentos de imobilidade e silêncio, entra pela porta do quintal o Dr. Fabrício,*

acompanhado por Genoveva. O Doutor entra, tira a gabardina, aproxima-se da lareira esfregando as mãos.

DR. FABRÍCIO: Olá, P.* Cristóvão! Não o fazia aqui.

P.* CRISTÓVÃO: Boa tarde, Doutor.

GENOVEVA (*sacode a gabardina do Dr. Fabrício, estende-a numa cadeira, e acende um grande candeeiro de petróleo que vem pôr sobre a mesa*): Tenho que pedir muita desculpa ao Sr. Doutor. Com um tempo assim, custa a vir até este desterro.

DR. FABRÍCIO: Custava, se viesse a pé. Mas custasse o que custasse! Não sou um velho amigo da casa?

GENOVEVA: Só do carro até aqui à porta, ficou-lhe a gabardina toda molhada.

DR. FABRÍCIO (*senta-se numa das cadeiras que estão junto da mesa*): Deixe! e vamos ao que importa: Há alguma novidade? Sei que mandou recado a minha casa logo de manhã. Mas estive quase sempre fora, e só agora pude vir.

GENOVEVA: O Sr. Doutor deve estar admirado...

DR. FABRÍCIO: Não sei porquê. Os serviços dum médico podem ser necessários dum momento para o outro.

GENOVEVA: Antes de mais, peço desculpa de o fazer entrar pela cozinha. Mas queria conversar primeiro com o Sr. Doutor. Todo o dia tenho estado de atalaia... por causa da menina Benilde. E como faço hoje de cozinheira, pois consegui ficar aqui só...

DR. FABRÍCIO: Não só de todo: Tem ali a santa companhia do Sr. P.* Cristóvão.

GENOVEVA: Santa, diz o Sr. Doutor muito bem.

P.* CRISTÓVÃO: Infelizmente, diz muito mal.

GENOVEVA: O Sr. Doutor bem sabe que o Sr. P.* Cristóvão é outro dos amigos da casa. Vem cá de vez em quando, e ainda bem! As visitas que temos não são muitas. Mas hoje, fui também eu que lhe mandei pedir o grande favor de passar por aqui. Já estivemos a conversar.

DR. FABRÍCIO: Confesso que a Genoveva começa a intrigar-me! O padre e o médico, no mesmo dia, aqui introduzidos clandestinamente... Olhe, sente-se e diga, Genoveva. Estou quase assustado.

GENOVEVA: Muito obrigada, Sr. Doutor. Fico assim bem.

(Um silêncio. Ouve-se o vento zunir lá fora, depois abanar a porta do quintal.)

DR. FABRÍCIO: Então?

GENOVEVA: Não sei como principiar. O meu atrevimento é grande...

DR. FABRÍCIO: Princípie de qualquer maneira. Mas é assim difícil?... Bem sabe que pode contar comigo. São aqui precisos os meus serviços de médico, ou simplesmente os de velho amigo da casa?

GENOVEVA: Talvez uns e outros, Sr. Doutor. Queria eu... *(Fica-se a olhá-lo, embaraçada.)*

DR. FABRÍCIO *(quase com impaciência)*: Vamos, diga.

GENOVEVA: Eu queria que o Sr. Doutor visse a menina Benilde.

DR. FABRÍCIO: E é só isso?! A menina Benilde achou-se doente?

GENOVEVA: Não, Sr. Doutor. Eu já disse que o meu atrevimento é grande... A menina Benilde não se queixa de nada. O Sr. Melo Cantos também não dá por nada. Eu é que observo... A mim é que se me meteram desconfianças na cabeça... imaginações... coisas que me não deixam dormir nem descansar! Tenho medo, Sr. Doutor! O Sr. Doutor sabe o que sucedeu com a minha senhora, e em que estado morreu. Pois bem, parece-me... *(Quase chorando.)* Tenho medo que a minha menina também não ande bem, e vá pelo mesmo caminho! E até nem posso dizer... nem posso dizer que outras desconfianças medonhas se me meteram na cabeça!

DR. FABRÍCIO: Medonhas, Genoveva?!

GENOVEVA: Medonhas!

P.* CRISTÓVÃO: Quem há-de dizer é o Doutor, Genoveva. Não fales antes do tempo, que virias a envergonhar-te.

DR. FABRÍCIO *(para Genoveva)*: O Sr. P.* Cristóvão já está ao corrente?

GENOVEVA: Sim, Sr. Doutor. Eu já desabafei o principal com o Sr. P.* Cristóvão.

DR. FABRÍCIO: E custa-lhe tanto a desabafar também comigo?

GENOVEVA: O Sr. P.* Cristóvão acha que não convém dizer tudo que me passa pela cabeça.

DR. FABRÍCIO *(um pouco irónico)*: Pois o Sr. P.* Cristóvão lá sabe! Há coisas que só se dizem ao confessor. *(Breve silêncio.)* Mas vejamos, Genoveva. A sua senhora era uma doente; e esta solidão em que veio viver, neste casarão triste, demais com o feitio estranho do marido, não lhe podia ser favorável. A sua fé exaltada tornou-se uma verdadeira mania, vieram complicações... *(Com certa intenção, olhando para onde está o P.* Cristóvão.)* Faltou a seu lado quem tentasse arrancá-la a si própria, corrigindo os excessos da sua fé e aclarando aquela imaginação perturbada. Não se segue, porém, que a filha venha a ser exactamente o mesmo.

P.* CRISTÓVÃO: Ah, não! pois não. Aliás, a mãe de Benilde era uma santa. Mas só Deus tem nas mãos os destinos humanos.

DR. FABRÍCIO: No entanto, filha dessa mãe e dum misantropo excêntrico, é natural que Benilde seja um pouco nervosa... talvez também inclinada à religião...

P.* CRISTÓVÃO: A religião não é uma doença, Doutor. E quanto a certas presunções da ciência a que chamam leis — bem longe estão de ser infalíveis. A hereditariedade... Mas perdoe-me, Doutor! Eu não passo dum ignorante na matéria. Nem seria ocasião para entrarmos em discussões.

DR. FABRÍCIO: Está claro que não, P.* Cristóvão. Deixe-me só dizer-lhe que os verdadeiros homens de ciência são muito prudentes: Os outros é que logo chamam leis ao que ainda não chamaram eles senão hipó-

teses. Mas ponhamos isto de lado, por agora. E vamos a saber, Genoveva: Por mim, até hoje, nunca pude notar na menina Benilde nenhum sintoma verdadeiramente alarmante...

GENOVEVA: O Sr. Doutor é que não sabe!

DR. FABRÍCIO: Não sei o quê, Genoveva?

GENOVEVA: Desculpe-me, Sr. Doutor. Quero dizer que o Sr. Doutor chegou há pouco da sua viagem; mesmo antes, com o trabalho que tem, não vinha cá muitas vezes; nem se demorava muito; por isso não tem podido observar a menina Benilde nos últimos tempos... Demais, ela distarça muito bem!

DR. FABRÍCIO: Distarça?!...

GENOVEVA: Sim, esconde muito bem o que se passa, quando quer. Guarda só para si.

DR. FABRÍCIO: Mas o que é que se passa?

GENOVEVA: Quem sabe?!

DR. FABRÍCIO: Ora vamos lá a falar claro, Genoveva. Diga-me tudo. Sou médico, e sou um amigo; e a Genoveva já é como se fosse família da sua menina. Bem sabe que me pode dizer até o que se não atrevesse a dizer a mais ninguém... tirante ali o Sr. P.* Cristóvão.

GENOVEVA: O que eu sei de certeza pouco é, Sr. Doutor. O pior são as desconfianças que se meteram comigo! E por causa delas é que chamei o Sr. Doutor. Mas não podem ser verdade, não podem! não podem! A menina Benilde é inocente como uma criança...

DR. FABRÍCIO *(levantando-se)*: Mas que desconfianças tem você, criatura?!

GENOVEVA: Não sei! O Sr. Doutor não faça caso. O Sr. Doutor é que vai saber...

(Silêncio breve.)

Í N D I C E

Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa VII 657

<i>Introdução</i>	IX
1. <i>Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa</i>	XIII
2. <i>Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett</i>	XV
3. <i>Garrett e a restauração do teatro português</i>	XVI
4. <i>Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia Catão e a geração liberal de 1820 — O exílio</i>	XVII
5. <i>O Auto de Gil-Vicente, início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o Frei Luis de Sousa — As últimas peças de Garrett</i>	XIX
6. <i>O equívoco do teatro histórico ultra-romântico</i>	XXI
7. <i>O melodrama histórico da década de 1839-50</i>	XXIII
8. <i>O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo</i>	XXVIII
9. <i>A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo</i>	XXXII
10. <i>A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro</i>	XXXIII
11. <i>Outros encontros da «geração de 70» com o teatro</i>	XXXVII
12. <i>Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português</i>	XXXIX
13. <i>Revivescência do teatro histórico — A Pátria de Junqueiro</i>	XLI
14. <i>O realismo dos Velhos de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas</i>	XLV
15. <i>Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a opereta e a revista</i>	XLVII

16. <i>O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes</i>	XLVIII
17. <i>O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira</i>	L
18. <i>Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão</i>	LIII
19. <i>Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício</i>	LIV
20. <i>Situação do teatro português entre 1918 e 26</i>	LVI
21. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional</i>	LVIII
22. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: A sátira de costumes</i>	LIX
23. <i>O teatro de Alfredo Cortez</i>	LXII
24. <i>A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro</i>	LXIII
25. <i>O teatro português na década de 30</i>	LXV
26. <i>O modernismo no teatro português</i>	LXVIII
27. <i>O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental</i>	LXXII
28. <i>Situação actual do teatro português</i>	LXXIII
29. <i>O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos</i>	LXXVIII
30. <i>Conclusão</i>	LXXIX

Antologia:

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente	1
Gomes de Amorim: Figados de Tigre	21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa	53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflores	71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar	105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema	121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha	143
Manuel Fernandes Laranjeira: ...Amanhã	171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre	189
Eduardo Schwalbach: Os Postigos	217
Manuel de Faria e Silva: O Marinheiro	275
Vitoriano Braga: Octávio	283
Carlos Selva: Entre Giestas	303
António Patrício: D. João e a Máscara	341
Ramada Curto: O homem que se arranjou	371
Raul Brandão: O Avejão	397
António Botto: Alfama	403
Alfredo Cortez: Gladiadores	427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traíçoero	449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos	473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente	493

× <i>Alves Redol: Maria-Emília</i>	519
× <i>Branquinho da Fonseca: Curva do Céu</i>	529
<i>José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe</i>	535
× <i>Almada Negreiros: Antes de começar</i>	559
→ × <i>João Pedro de Andrade: Continuação da comédia</i>	567
× <i>Jorge de Sena: Amparo-de-Mãe</i>	575
× <i>Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte</i>	581
<i>Bernardo Santareno: A Promessa</i>	597
<i>Costa Ferreira: Um homem só</i>	623

Nota Final

Nota Bibliográfica

Índice dos Nomes Citados no Prefácio



Principais Correções

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
NO PREFÁCIO			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	incluído	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsidiante
NA ANTOLOGIA			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, <i>episódios em 1 acto</i> (1902); <i>O Rei Maldito, peça histórica em 5 actos</i> , e <i>A Noite do Calvário</i>
121	31	<i>solicitados, por</i>	<i>solicitados por</i>
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade (1953)	Voz da cidade (1952)
427	7	Henri Josset	André Josset
575	17	acusa	acusa
575	18-19	<i>épocas ad libitum, permutáveis</i>	<i>épocas, ad libitum permutáveis</i>
581	22	(1969)	(1961)
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.